O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hoteis, Restaurants, Cafés, Bars e classes conjeneres

ANO I — N. 1 | RIO DE JANEIRO, 28 DE OUTUBRO DE 1916 | REDAÇÃO: RUA DO SENADO, 215-217

EXPEDIENTE

De conformidade com as bazes do seu Grupo Editor, as columas de *O Cosmopolita* estão francas a toda e qualquer espansão de pensamento, desde que se ajuste á lojica e á razão, e estejam em harmonia com a sua orientação.

O Cosmopolita publica-se nos dias 1 e 15 do mez.

Assinaturas

Anno . . . . 5$000
Semestre . . . . . . 3$000

Nosso rumo

De ha muito que, sentindo o aguilhão dos mais elevados ideais e das mais ardentes aspirações vinhamos sendo impelidos a tomar sobre os hombros a realização da obra cuja primeira etapa vencemos hoje, aprezentando o primeiro numero deste periodico.

A ela nos lançamos, com todos os ardores do nosso temperamento, dispostos a proclamar bem alto as revoltantes injustiças sociais que nos esmagam. Aprofundando as cauzas dos nossos males, porêmos em relevo, sinão com brilhantismo pelo menos com sinceridade, todas as dezigualdades da sociedade atual que leva em si os jermens da sua propria destruição.

Cheios de entuziasmo, impelidos pelos mais justos anélos de liberdade, lançamos hoje á luz da publicidade O COSMOPOLITA—que, cientes embora de perpetrarmos um sediço lugar comum—podemos dizer que vem preencher uma grande lacuna, despertando enerjias, sacudindo do torpor em que se encontram adormecidos milhares de companheiros, projetando um intenso facho de luz nos cerebros embrutecidos pelos mais grosseiros sofismas politicos, morais e economicos, dando-lhes uma conciencia do seu valor e, finalmente, chamando-os a ocupar o posto de luta que as injustiças de que é vitima lhes essinalam na sociedade atual.

Nestas colunas, sem retorica baloufa, porque são escriptas por mãos rudes de trabalhadores, nos escassos instantes que a exploração capitalista lhes permite gozar, erguer-se-á potente a nossa vóz contra todas as tiranias que pezam sobre nós, os escravos do iniquo rejimen do salariato, os modernos ilótas que a cada passo caímos triturados pela complicada engrenajem da sociedade capitalista e autoritaria.

Ao tomar sobre os hombros a árdua missão, a cujo dezempenho damos hoje inicio, foi no propozito sincero de cumpril-a á altura das necessidades da classe, e para isso contamos com o concurso eficaz e imprecindivel da coletividade.

Ai tendes O COSMOPOLITA, que na modestia da sua esteriteza de jornal feito por trabalhadores e para trabalhadores, não se propõe a reproduzir nos nossos dias a lenda biblica de um novo Cristo, redimindo sósinho a humanidade inteira.

Si o quereis potente e altivo, a vibrar os golpes de sua critica impiedoza contra a opressão, contribuindo como um alvião a demolir o velho mundo de iniquidades, ajudai-nos! Vinde ao nosso encontro nessa injente obra de emancipação.

O GRUPO EDITOR.

Aqui estamos de novo, os invenciveis!

Os aeronautas do pensamento, de temperamento impulsivo e revolucionario, que haviam dezaparecido aos olhos do vulgo, nas altas rejiões ideolojicas, no empenho de adquirir amplos e fundos conhecimentos sociolojicos, aqui estão de novo na vanguarda do movimento emancipador, ocupando o seu posto de combate.

Por um largo periodo de tempo vimo-nos constranjidos a abandonar esse posto na impossibilidade de fazermo-nos compreender pela maioria da classe que, imersa na mais profunda ignorancia, olhava com indiferença os nossos altivos protestos contra as nossas degradantes condições de vida na sociedade. Dezapareceramos do cenario da luta apenas aparentemente, mas continuámos sempre a cooperar na guerra surda e implacavel contra a escravidão moderna com o mesmo fervor e entuziasmo do primeiro instante.

Deziludidos completamente do suposto bem estar que circula nos horizontes da sociedade capitalista, jamais confiaremos em vagas promessas que surjam ao nosso encontro, afim de prejudicar a nossa obra de emancipação.

Maquinistas do trem revolucionario, que, destemido e audaz, atravessa rios, pantanos e montanhas, em procura das planicies amplas e salubres da sociedade futura, jamais haverá empecilhos de rezistencia capaz de fazer parar a nossa marcha até que nos deparemos extaziados e orgulhozos com os fócos replandecentes da liberdade que anelamos.

Natural é que, inesperadamente, sobrevenha algum dezarranjo na maquina e nos vejámos na necessidade imperioza de atenuar a sua marcha, mas nunca dezanimaremos de leval-a ao ponto terminal por nós almejado.

A historia do movimento proletario, "pia de agua benta", onde recebemos o batismo revolucionario, menciona esses pequenos e passajeiros incidentes no curso da evolução, lenta mas contínua do proletariado universal. Analizando detidamente esses incidentes que a historia rejistra, vemos a impossibilidade de deixar de subzistir sentimentos revoltados, como "efeitos" emquanto ezista a mizeria como cauza.

E' bazeando-nos nesses principios lojicos e racionais que confiamos no triumfo da cauza proletaria, triumfo impulsionado pela propria incapacidade do Estado, com os seus processos violentos e deshumanos, empregados para reprimir as manifestações de permanente protesto contra as iniquidades sociais levantadas pelos desprotejidos da fortuna.

Obvia tambem se nos afigura a ezistencia de temperamentos moderados e acomodaticios que se adaptem ao meio ambiente e, consequentemente, não se interessem pela questão social, mas isso não será cauza bastante eficiente para evitar o choque terrivel das duas classes de que está composta a sociedade, as quais, numa guerra permanente, surda e demolidora, veem se defrontando, sem que, comtudo, esse fenomeno seja presentido pela maioria dos homens que escrevem *para educar o povo*. Entretidos com as questões puramente politicas, os jornalistas e literatos da burguezia deixam passar dezapercebidas as cauzas de primordial importancia que dão orijem á dezordem social, estabelecida pela dezigualdade economica.

Comtudo, si é bem verdade que a maioria dos intelectuais deixa de parte a questão social, para entregar-se de corpo e alma á politica, desperdiçando as suas enerjias em favor de uma cauza perdida, não é menos certo que ha tambem uma minoria mais intelijente e mais previdente que, nas suas investigações sintéticas da questão social, preveem a terrivel luta social que se avizinha a passos jigantescos e apelam para os estadistas no sentido de melhorarem as pessimas condições sociais do proletariado, afim de atenuar o odio que jermina no peito dos famintos contra os bem instalados na vida.

Todavia nós, os dezeherdados do patrimonio universal, não devemos mais confiar na filantropía da burguezia literaria e antes devemos proclamar bem alto, com o unico aussilio da nossa intelijencia, as revoltantes injustiças de que somos vitimas.

Repercute ainda pelo orbe o éco grandiozo da massina lançada pela Internacional Operaria: "A emancipação dos trabalhadores ha de ser obra dos mesmos trabalhadores." E é em harmonia com essa massima, que reprezenta o sentido elevado dos interesses proletarios que rezolvemos a publicação de "O Cosmopolita", afim de dizermos por nossa conta e na medida das nossas forças, toda a revolta que nos sobreleva e nos inspira nesta grandioza obra que hoje iniciamos.

E' necessario que todos os membros da classe saibam cumprir com o seu dever para que nos seja possivel o dezempenho da missão a que nos impuzemos, refletindo-se nas trévas em que temos permanecido um raio de luz vivaz que desperte a consciencia da coletividade.

Quereis cooperar nesta grandioza obra, juntamente conosco? segui-nos!

Odnumyar.

DECENDO DA MONTANHA

Desde criança quiz ver-me sozinho no mundo.

Por largo tempo vivi no alto de uma montanha, em contato permanente com as féras, procurando investigar o seu convivio intimo.

As forças vivas da natureza, vendo-me dezabrigado naquela solidão selvajem contantemente me agrediam sem piedade, obrigando-me a refujiar-me no fundo de uma cova feita pelas éras na hora terivel do sua furia indomavel contra a tempestade.

Lançando a vista pelo espaço e sobre a superficie da terra vi que nenhum ser meu semelhante ezistia naquele dezerto,, no meio de tanta féra.

Satisfeito exclamei então: estou só, mas viverei!

Alimentar-me-ei com os mesmos produtos de que se alimentam as féras.

Revolvendo as entranhas da terra encontrarei certamente raizes nutritivas que me servirão de alimento.

Pensativo, taciturno, permaneci por longo tempo, contemplando aquele triste espetaculo que a natureza reprezentava perante os meus olhos investigadores. Atacado a cada passo pela furia indomavel e terrivel dos meus "senhorios" me via obrigado a abandonar a caverna, precipitadamente, expondo o meu corpo triturado ás intemperies da natureza.

Chuvas, néve e raios de sol abrazador caíam sobre mim sem piedade.

No meio daquele cáos, em luta constante contra os elementos mais terriveis da vida selvajem, vivia eu sem conhecer outro mundo mais humano.

Mas como tinha nacido no meio dos homens, embora tendo-os abandonado na minha infancia, sentia ancias dezesperadas de conhecer um mundo que satisfizesse melhor as minhas confuzas aspirações; a pouco e pouco essas ancias foram se transformando num ideal de sublime grandiozidade.

Comecei a sonhar, a sonhar desvairadamente, subindo como um louco ao mais alto pico da montanha, torturado, dezesperado por descortinar alguma coiza nova no horizonte, até que, finalmente, vi... vi o que? ao lonje, mui ao lonje vi despontar os raios fulgurantes do sol nacente de um eden. Vi a ponta de uma torre que ufana se erguia, dominando o espaço como a anunciar-me toda a grandeza de um paraizo onde transitavam os apostolos da verdade e do bem, em respeitozo caminhar de reverencia á civilização e ao progresso.

Envergonhado miro-me de alto a baixo e sinto-me pequeno perante... o que? O sonho ou a realidade? Não sei. Mas vendo-me naquele dezerto, em meio a tonito elemento hostíl, sinto-me impelido a começar decendo, lenta e paulatinamente a ingreme ribanceira da montanha no firme propozito de conhecer o desconhecido para mim.

Cheio de fé e entuziasmo, por ver realizado o meu sonho, não olho a sacrificios e corro precipitado em direcção á majestosa torre que, em busca da verdade, me serve de guia.

Destemido e audaz transponho rios e pantanos, galgo montanhas até que, de perto, posso emfim ver o meu sonho realizado.

Chego ao mundo dos homens, eis-me no paraizo sonhado.

Como entrar em convivio com eles? Como dirigir-me a sêres de tão elevada especie, dotados de tanta bondade e grandeza? Não sei. Tampouco importa.

Eles teem um grande coração e certamente dar-me-ão o desconto necessario.

E extaziado deante daquele eden no qual eu pretendia entrar, que fazer?

Era necessario atravessar uma esbelta ponte que majestoza se erguia sobre um rio enegrecido de sangue.

No fim da extensa ponte havia um portico de jenial concepção, junto do qual perfilava-se um homem que ao lonje perturbava-me a vista com o brilho faiscante do seu vistozo uniforme.

Humildemente acerco-me do porteiro da minha nova rezidencia e cortezmente interrogo-o si é livre a entrada nesse paraizo.

Curvando-se respeitozamente deu-me ele a entender que a entrada naquele eden era permitida a todos os sêres humanos. Rezoluto penetro os umbais do paraizo terrestre e extazio-me na apreciação do monumental trabalho do habitante do mundo novo para mim.

Atonito, estupefato deante de tão grandiozo monumento de Arte, Beleza e Estetica não posso deixar de maldizer o meu passado exclamando: depois de tantos anos de ezistencia só hoje me é dado entrar no gozo da vida livre das selvajens da natureza.

No interior do Jardim encontro um homem elegantemente vestido, que orgulhozo saboreava um deliciozo charuto, passeando de um extremo a outro do paraizo.

Mais adiante caminhava um sêr identico, de feições macilentas, sujo e andrajozo, dolorosamente arrastando a carcassa, cujo olhar dardejava chispas de profundo odio.

Extranhando aquela dezigualdade entre dois homens, inquilinos do grande e maravilhoso eden, sinti-me impellido, por irrezistivel curiozidade, a interrogal-os.

Inesperadamente aprossimo-me daquelle que, satisfeito, escurecia o ambiente com o fumo do seu charuto. E interrogo-o: Como viveis felizes, cidadão!...

— Não imajinais, talvez, extranjeiro que me interrogais.

ODNUMYAR.

(*Continúa*).

Resposta a um critico

Firmado pelo dr. Azurém Furtado veiu ha dias no *Correio da Manhã* e na *Noticia* um artigo sob a epigrafe "Os hoteis no Rio", no qual se faz critica ferina e superficial aos *garçons* do Rio, em face dos seus colegas europeus.

O dr. Azurém Furtado, julgando-se "tecnicamente" capacitado para fazer uma apreciação sobre a competencia profissional e a educação social dos *garçons* desta capital, não hezitou um instante siquer em vir em publico, pelas colunas dos dois citados diarios, desferirnos meia duzia de conceitos dezairosos e bem poucos jentis, regozijando-se pela rezolução dos proprietarios do novo grande hotel, prestes a inaugurar-se, de mandar vir o seu pessoal da Suissa, afim de empregar a sua competencia tecnica ao serviço da burguezia brazileira, da qual é um dos membros conspicuos o ilustre doutor...

O dr. Azurém Furtado, decendo da sua elevada profissão de medico a critico de simples riados de hoteis, não podia ser melhor sucedido.

Entretanto, nós, os unicos interessados nesta questão, a qual o dr. talvez houvesse sucitado por méro espirito critico, nos rezervamos o direito de analizar causas e não criticar efeitos dessas mesmas cauzas.

Não temos a pretenção de ferir a sucetibilidade da burguezia que aqui vive, nas apreciações que vimos fazendo neste artigo. Só nos inspiramos no interesse de bem esclarecer a verdade e contestarmos com argumentos irrefutaveis as asserções do dr. Azurém.

Assim, pois, occorremos perguntar porque o dr. não procurou pesquizar minuciozamente as mizeraveis condições de trabalho dos *garçons* no Rio. Porque não procurou conhecer de perto as suas condições economicas e a opressão material em que vivem.

As ecessivas horas de trabalho a que estão sujeitos deixem-lhe o tempo necessario ao estudo e aperfeiçoamento na profissão que ezercitam?

Si s. s. procurasse com interesse analizar essas cauzas, certamente não viria com tanto dezembaraço ridicularizar-nos com sua critica mordaz e sim, como homem de pozição social, a quem pertencem, como tal, todas as comodidades da vida, procuraria esmuiçar as "cauzas" que dão origem aos "efeitos" que tanto o incomodam.

S. s., como medico que estuda as doenças do organismo humano, porque não estuda tambem as doenças cronicas da sociedade?

Não compreendeu ainda o dr. Azurém que a injusta organização social reinante, com toda a sua carga de preconceitos, é que orijina a deczorganização tecnica em todos os ramos da industria e da ciencia?

Quando vemos decer um vutlo eminente, com o cerebro prenhe de conhecimentos cientificos do trono em que, satisfeita e orgulhoza vive a burguezia ao seio da "massa anonima", — o proletariado, — que submerjido na mais repugnante das mizerias e atrazo mental, por se lhe trancarem inflexivelmente as portas das universidades, sempre lhe dispensamos a maxima atenção, na esperança de que nos venham dizer alguma coiza nova.

Mas, oh! tremenda dezilusão!

Deliberados a somente estudar, com um fim premeditado um ramo excluzivo da ciencia que lhes possa assegurar uma vida facil e feliz, não se interessam por divulgar ao povo os descubrimentos da ciencia que para ele ainda continuam sendo misterios.

Mas, continuemos a fazer as nossas apreciações em volta dos comentarios do dr. Azurém, antes que percamos o fio.

Nada nos sorpreende o parecer erroneo, formulado pelo requintado gastronomo, critico severo dos empregados, ou melhor, para nos expressarmos em "portuguez classico", *criados de hoteis*.

Certamente s. s. já terá tido na sua vida de privilejiado não pouas ocaziões de viajar por diversas partes de Europa, e, no confronto feito entre os *garçons* de lá, com os *criados* do Rio, tirou como concluzão lojica da sua apreciação superficial a incompetencia destes ultimos e a falta de cultura e de educação social que deviam ter para "ezercer o mistér para o qual os atirou a necessidade de ganhar um pedaço de pão".

Na Europa é natural que o *garçon* se aprezente de cazaca e luvas, e, embora sem bagajem literaria, com os principios elementares da educação social.

Mas quem sustenta este luxo e quem concorre para que eles tenham um certo gráu de cultura?

Mais infelizes do que nós, á primeira vista; trabalham sem ordenado, e, claro que sendo na Europa a gorjeta uma lei instituida pelo costume, profundamente arraigado na burguezia, é dela que vivem os *garçons chics* e é a expensas dela que se educam para depois servir a essa mesma burguezia, com todos os caprichos dos ezijentes gastronomos.

Não queremos fazer aqui a apolojia da gorjeta, porque vemos nela um grande mal, embora considerando-a um mal necessario, como muitos na sociedade atual, os quais sómente com ela dezaparecerão.

Mas si ha um costume estabelecido universalmente, porque no Brazil se não respeita?

Não será decerto com o salario de 60$ mensais que iremos frequentar escolas, trabalhar de cazaca ou *esmook* e camiza engomada, todos os dias.

Estamos muito acostumados a ouvir a critica verbal, feita nas proprias mezas de *hoteis* e restaurants do Rio, feita por senadores e deputados que de passeio um dia pela Europa tiveram ocazião de verificar o trabalho regulamentado, pelo criterio dos seus conhecimentos da profissão.

Deputados e senadores, capitalistas e industriais entram pelos restaurants chics, de sobrecazaca e cartola, a falar, deslumbrados, sobre os admiraveis metodos de serviço na Europa e tecendo rasgados elojios aos jestos reverentes e humildes dos *garçons* de Paris, Londres, Berlim, etc., etc.

O criado, vendo que aqueles cidadãos tão entuziasticamente se referem ao serviço na Europa, desfazem-se em jentileza, esmerando-se em servil-os bem e com agrado, esperando ser bem gratificados.

No fim do almoço erguem-se imperturbaveis e senhoris e a escurecerem os ares com a fumaça dos seus charutos, pedem uma escova para tirar o pó da roupa. E o "criado", a gorjeta?... ah! esta já a veremos...

Sobre a meza, num pires jaz representada em chorados, a aviltantes gorjeta de... 300 réis...

Ironicamente o "criado" não póde deixar de monologar com os seus botões: estes, com certeza, deixaram tudo o que tinham de bom em Paris!

E ainda quererá o dr. Azurém que ezistam no Rio "criados" habilitados e chics?

Estamos perfeitamente de acordo e sentimo-nos mesmo dispostos a receber de braços abertos os nossos companheiros europeus, os quais, estamos bem certos, não nos farão concurrencia, mas tambem temos inabalavel convicção de que dentro em pouco teremos de acompanhal-os ao seu embarque, de retorno á terra que engrandecem no dezempenho profissional da arte culinaria.

Garçons suissos para servir os frequentadores dos restaurants e hoteis do Rio! Francamente é irrizorio o regozijo do dr. Azurém Furtado! Acazo terão uma remuneração capaz de fazel-os adaptar-se aos costumes retrógrados que imperam no Rio? Cremos que não. Acazo conhecerão eles as barbaridades de salada com arroz, "picadinhos á bahiana" ou linguiça com farofa?

Venham os *garçons* da Europa, mas trate o dr. Azurém de preparar a sua pena para a cruzada árdua em pról da transformação dos costumes e sobretudo do sistema alimentar da maioria dos clientes dos hoteis e restaurants. Do contrario começará a perigar a sua "competencia profissional" para dissertar sobre a materia...

AVANTE!

Mais uma vez se intenta esta obra. Mas d'esta parece-me ser de fato uma obra duradoira, solida e com alicerces suficientes para rezistir as tempestades que nos assolam, alicerces feitos sobre a terra firme da experiencia dos fracassos de outras obras que, embora tão bem intencionadas como esta, não poderam ir por deante por serem dirijidas por discipulos que eramos hontem e que a força dos fatos passados nos mostrou o caminho a seguir e nos fez mestres; mestres, sim, repito, mestres que a experiencia nos fez, mestres que devemos ensinar aos nossos companheiros, a esses companheiros que anceiam nossas lições da pratica para poderem ajir como homens concientes, e não como carneiros tocados pelo cajado de seu pastor, mestres que devemos mostrar-lhes a figura bela da liberdade e ensinal-os a amal-a como eles hoje amam o pedaço de terra onde nasceram e que lhe chamam *minha patria,* como eles amam o pedaço de pano colorido e a que lhe chamam *minha bandeira,* ensinal-os não a pegar n'uma arma para assassinar seus irmãos de infortunio, mas sim ensinal-os a seguir o caminho de homens livres que devemos ser.

Ensinal-os mais o que é uma associação, para que serve, quais são os fins para que eziste, para que foi creada, o que uma grande maioria não o sabe n'um indiferentismo criminoso. E' esse nosso dever; conseguil-o-emos?

Tenho fé que sim, pois que abrindo a luz que vae iluminar o cérebro dessas vitimas da inconciencia propria, d'essas vitimas que vivem extaziadas por sonhos de ouro, que vivem iludidas pelo capital que tudo açambarca, por essa ave de rapina que tudo devora; póde ser que consigámos nosso intento.

Mas não são só estas lições infelizmente, que temos que dar outras mais, mas estas severissimas, a esses que inconcientes sim, mas maldozos, nos atraiçoam a cada momento, quer em nossa associação quer nas cazas onde trabalhamos, a esses sim, parece-me que não só as lições de moral chegarão, inconcientes mas maldozos como são, não as atenderão, para esses temos que ajir enerjica e diretamente com todos os meios ao nosso alcance.

Temos mais outra classe de discipulos a ensinar a *regra do bem viver,* os patrões, aos quais eu não os defendo em hipoteze nenhuma mas tambem não os condeno pois que defendem seus direitos de acordo com os preconceitos da sociedade atual, essa asociedade inféta e corruta que devemos recuar de nojo ante a efijie escletica e sifilitica que se nos depara ao contemplal-a. A esses nós devemos dar lições humanitarias para que compreendam que somos seres viventes, e com direito á vida como quaisquer outros; o que até hoje ainda não o compreenderam.

Patrões ha que hontem eram companheiros dedicados e hoje se tornaram verdugos de seus empregados de hoje e companheiros de hontem, e esses infelizmente são os peores. Esses que já sofreram o martirio de ser explorado deviam ao menos atenuar esse sofrimento, mas não, multiplicam-no tornando suas cazas verdadeiros antros inquizitoriaes dos quais Ignacio de Loyola e Torquemada nos deram tão tristes lições.

Emquanto aos outros, á outra classe de patrões, esses que nunca sofreram esse martirio, são dignos de lastima e pelo tanto deixo-os descançados até o proximo numero, no qual continuarei de palmatoria na mão.

Agarb.

Guarany, Esperança e Delicia

E' sob este agradavel e simpatico titulo que funcionam no Rio tres restaurants do mesmo proprietario, os quaes seria mais lojico e mais sincero que aparecessem em publico como tres centros d'uma repugnante exploração dos trabalhadores que se ocupam n'este mistér, os quais relijiozamente sofrem rezignados todas as injustiças covardes e anti-humanas que contra eles são praticadas, sem que façam transpirar fóra d'esses tres conventos inquizitoriais um protesto enerjico e altivo que seu erro se faça ezecutar aqueles que estamos sempre dispostos, no nosso posto de combate a dar expansão aos jemidos roucos d'aqueles que gastando todas as suas forças nas fainas diarias de um trabalho penozo e extenuante, sucumbem protergados extaziando-se humilhados perante a arvore majestoza da liberdade sem que tenham o valor necessario para n'um jesto de audacia indomavel trepar, destemidos, no seu tronco forte e vigorozo e comer o fruto prohibido... a rebeldia, sobre o tronco da arvore sacrosanta e depois de comer o fructo prohibido ser-nos-á facil desvendar os fatores provenientes de nosso mal estar, que desgraçadamente para a maioria dos trabalhadores ainda continúa sendo um misterio insondavel.

Não devemos absolutamente permanecer por mais tempo de braços cruzados, assistindo impassiveis ao desfilar macabro das vitimas de tanta injustiça. Uma nova era parece delinear-se no horizonte, com o surjir altivo e vibrante do jornal defensor dos interesses da nossa classe o qual exporá em linga bem clara o estado degradante que ha muito vimos atravessando.

Deixando de ocupar mais espaço em consideração do nosso já pequeno jornal passamos, de acordo com o nosso programa a tratar da questão que nos levou com mais interesse a escrever este artigo.

O sr. José Pontes, proprietario dos tres restaurants que servem de epigrafe a este artigo, parece ter feito o propozito indigno e anti-humanitario de aumentar a avalanche dos tuberculozos e anemicos, com a deficiente qualidade ordinaria de alimentação que dispensa aos seus aussiliares, isto em recompensa aos bons serviços que eles lhes prestam, cooperando no aumento precipitado da sua fortuna, com o fim premeditado de expol-a ao serviço da Republica humana por ele sonhada ou talvez vivida nos livros de Platão.

E' irrizorio vêr como um patriota acelerado da marca do sr. Pontes, abraço os principios republicanos, talvez bazeado em ser amante e adepto decidido da justiça e da liberdade, e não trepidar em explorar tão descaradamente os seus empregados, seus eguais em humanidade, e a mais fatores permanentes da sua fortuna.

Não seria mais lojico que o sr. Pontes envez de gastar o dinheiro com a Republica, tratasse os seus empregados com mais consideração?

Não seria obra mais Republicana dar de comer a quem tem fome, do que explorar aos famintos para sustentar robustos e polidos os santos da Republica?

Continue o sr. José Pontes acumulando injustiças sobre as cabeças das suas vitimas, que talvez em dias não lonjiquos seja chamado a prestar contas, com todo o seu republicanismo farçante.

Odnumyar.

Está salva a honra da Patria..

No dia 13 do corrente deu-se na Rotisserie Rio Branco um incidente muito curiozo. Não teriamos absolutamente nenhum interesse em tratar aqui nas colunas de um jornal operario de uma questão repugnante, provocada pela irrascibilidade de um obcecado patriota, si dela não tivesse sido vitima o nosso camarada Rafael Couñago.

E' precizamente num ambiente sacudido pela atoarda de uma propaganda de literatos e jurisconsultos contra o "Estado mais militarista do mundo", pela qual se pretende fazer insidiozamente acreditar ao proletariado que nos campos de batalha de Europa se decide a sorte do direito e da liberdade, com a vitoria de um determinado grupo de nações em luta, em face da ruina e aniquilamento de outro grupo (que, no seu dizer reprezenta a alma do militarismo absorvente, que desgraça os póvos) que se vem cinicamente propagando, com a ajuda moral e intelectual de uma coórte de poetas, juristas e jornalistas, a militarização do povo brazileiro como tonico regenerador (pasmai!) do seu carater!

Que lojica esmagadora!

Antimilitaristas primeiro, porque está nele caraterizado o retrocesso da humanidade. Militaristas depois, porque é na cazerna que se despertam enerjias adormecidas nas multidões inconcientes! Ela será a universidade da qual sairão os luzeiros que iluminarão o mundo com a luz da justiça e do direito...

Oh! farçantes, como, valendo-vos da ignorancia do povo, exploraes cinica e despudoradamente os seus sentimentos! Mas só agora reparamos que, distraidos por essas considerações á marjem, quazi nos iamos esquecendo de relatar o fato que motiva a publicação deste artigo. Vamos, pois, a ele: Como é sabido, desde que um certo maviozo poéta, cançado de "ouvir e de entender estrelas", pôz de lado a sua inofensiva lira para impunhar o chanfalho da propaganda militarista, lançando aos quatro ventos da publicidade um famozo apelo ao civismo das multidões brazilias (em que se prescrevia banhos de cazerna como rejenerador do carater de povos) — apelo que foi como que um toque de inicio para a atual efervecencia militarista — aos ouvidos dos pacificos habitantes desta cidade, agora transformada numa vasta cazerna, não cessam de atroar o constante e infernal rufar dos tambôres acompanhado de outros toques marciais que o Estado, a ezemplo da sua irmã jemea a Egreja sabe habilmente enjendrar para embevecimento do espirito simples e injenuo da multidão.

Rara é a madrugada em que não somos bruscamente despertados do nosso sono reconstituinte das forças perdidas na faina diaria com as eslhafatozas marchas militares. Como de costume no dia 15 lá sairam eles na sua habitual e ridicula ezibição.

Justamente na hora em que desfilavam pela Avenida defronte á "Rotisserie Rio Branco", entra pela porta desse estabelecimento um impertigado burguez, disposto a preencher as necessidades do seu exijente estomago. O nosso companheiro, acima citado, que era encarregado do elevador, cortezmente abriu-lhe a porta.

Fazendo pressão sobre o botão eletrico começou a sua marcha lenta em demanda do restaurant, situado no primeiro andar.

Pela conveniencia diaria já se havia estabelecido uma certa familiaridade entre freguez (um tal Camara), e empregados, costumando mesmo o primeiro pilheriar com os segundos. Assim, não fujindo ao habito nesse dia, durante a acensão, começou a gracejar com o nosso companheiro, ao passo que cantava o hino nacional.

O nosso companheiro, achando graça naqueles pruridos patrioticos, proferiu a seguinte inofensiva fraze: o Sr. ou esses voluntarios que aí vão si fossem para a guerra, com certeza não iriam tão contentes...

Oh! tremendo crime!

O nosso companheiro não se lembrara que se dirijia a um bravo coronel da "brioza milicia". Ferido na sua sucetibilidade patriotica e nos seus melindres de militar "briozo"", o homenzinho dezanda numa abundancica de jestos e gritos cada qual mais repugnante e indecorozo.

Começam os comentarios dos prezentes em torno da personalidade do suposto oficial do ezercito. Estabelece-se uma tremenda confuzão. Emquanto isto o bravo patriota ezije uma imediata reparação aos seus br'os patrioticos ofendidos.

O proprietario do estabelecimento chama-o de parte e promete atendel-o. Mas nem assim o homem se satisfaz, e cada vez adquire mais importancia. Insiste e brada: "quero que mande embora esse empregado atrevido, agora mesmo!

Como é natural o nosso companheiro é incontinente despedido: o que não faltam são empregados...

Está, certamente, satisfeito o Sr. Camara com a façanha estupida e repugnante, porque é assim, de tal jeito, que se dignifica a honra da Patria...

Odnumyar.

O nosso festival

A 30 de Setembro findo, realizou-se no salão do Centro Cosmopolita, o festival organizado pelo Grupo Editor de "O Cosmopolita", para o fim de obter os recursos necessarios á publicação deste periodico.

O ezito alcançado esteve acima de qualquer espectativa.

Devido ao ecésso de materia e eziguidade de espaço com que lutamos, fomos forçados, á ultima hora, a retirar grande numero de orijinais, e, infelizmente, entre eles a noticia do que foi aquela esplendida festa de propaganda, que sem vaidade podemos dizer que se revestiu de um brilho ececional. Para o proximo numero. publical-a-emos.

Fique, porém, desde já, consignado, nestas linhas, o nosso mais profundo reconhecimento a todos quantos concorreram para o successo alcançado.

A crise actual e os proprietarios de hoteis

Um ezemplo de como os proprietarios se valem da crize atual, para obterem maiores proventos, requintando na exploração aos empregados:

O Hotel l'Univers, sito á tarvessa Mosqueira n. 13, na Lapa.

Este proprietario sempre pagou 60$ aos *garçons,* mas, ao que parece, julgou que eram demaziados, e reduziu-os. Agora paga apenas a insignificancia de 50$000 mensais; fazendo delles uns verdadeiros escravos ou lacaios, faz-lhes prestar todos os serviços de copeiro, faz-lhes lavar todas as paredes e o této do salão, e, como si tudo isto não bastasse, faz-lhes ainda servir na rua ás mulheres de vida facil. Vejam si isso é serviço que deva ser feito por *garçons!* E, quando algum deles ouza formular um protesto contra esse vexame a que o forçam, respondem-lhe com insólito atrevimento, que aquilo é para quem quer, que "a porta dac rua é serventia da caza.

Agora o mais importante: a comida que servem aos empregados. Rejimen da fome. Querem saber em que consiste ela? Pois ai vai um pano de amostra: guardam na jeladeira figados de 10 e 12 dias! nem só figados, sardinhas, carnes, etc., e depois disto, quando já deteriorados não podem mais impijil-os ao freguez pelo seu insuportavel máu cheiro, levam-n'os então para a cozinha, onde entregam ao chefe para preparar a comida dos empregados.

Quando o chefe é um companheiro, como os ha felizmente muitos dotado de consciencia e corajem para dizer-lhes que aquilo nem para cães serve, eles dizem com um cinismo revoltante que ninguem é obrigado a comer aquilo e quem quizer comer melhor que o faça á sua custa!

Olhem que já é desfaçatez!

Depois disto tudo só nos admiramos como a paciencia humana seja tão elastica que haja alguem que suporte tanto aviltamento sem um jésto de repulsa.

Além disso, o trabalho é o mais acabrunhador posivel pois que o patrão atordoa o pessoal com o seu intoleravel autoritarismo de um senhor feudal.

José Ferreira Morgado.

A liberdade de trabalho

A liberdade de trabalho, a nosso vêr, consiste em admitir a cada individuo o livre exercicio do trabalho mental ou manual de acôrdo com a propria inclinação para esta ou aquela especialidade, sem encontrar barreira economica que o possa desviar dos seus verdadeiros pendôres, constranjendo-o na sua intelijencia a aceitar a passividade de uma profissão que contraria a sua indole, forçando-lhe, portanto, a propria capacidade a adquirir outra nova, por força das necessidades economicas e outros multiplos ajentes, com evidente prejuizo para o seu aperfeiçoamento tecnico.

O trabalho é uma necessidade para a vida, mas a liberdade de trabalho, nas diversas manifestações fiziolojicas dos individuos encontra uma barreira intransponivel no capital, que sentencia onipotente: "não te darei a fazer o que queres, mas dar-te-ei a fazer o que quero." Ora o que querem justamente aqueles que se arrogam o direito de monopolizar o trabalho e distribuil-o ao seu livre alvedrio, é que essa liberdade seja restrinjida á maior estreiteza, opondo-lhe todos os obices, para assim tornar mais facil a substituição das maquinas que o servem, os trabalhadores, e conserval-os sempre na necessidade de submeter-se pela dura lei do "ganha pão".

Não conto nenhuma novidade para os espiritos avançados: apenas faço estas considerações no sentido de ser analizada a tão proclamada liberdade de trabalho, que efetivamente não eziste.

Lavoura, oficios, industria, comercio, artes liberaes todos reclamam a liberdade de trabalho. No entanto nega-se a sociedade capitalista e autoritaria a conceder-lhes este direito.

Ora, a liberdade toma-se e não se pede.

Pois bem essa liberdade será de fato conseguida no dia em que os trabalhadores assim o entenderem. Ela será efetivada pela ação solidarizada dos ajentes do trabalho que imporão ao capital a conservação dos seus fatores, com a remuneração relativa ás suas necessidades economicas.

Efetivamente não se compreende em rejime capitalista a liberdade de trabalho.

E'-se forçacdo a trocar um oficio por outro, para escapar ás agruras da fome, logo aì se esfuma como bolhas de sabão a decantada liberdade de trabalho.

As relações entre o capital e o trabalho são sempre e cada vez mais tensas; ha uma completa auzencia de escrupulos no proceder do primeiro, não eziste nenhuma reciprocidade: ezije demaziadas garantias do trabalho, mas em troca não lh'as dá nenhuma. Em suma, uma flagrante dezigualdade.

Não se compreende emancipação de interesses sem haver relação da medida das necessidades de cada um.

O capital força a servil-o, eis a razão porque se deve forçal-o a conservar aqueles que o servem; eis ai a razão por que se não póde subtrair, embora o faça.

O trabalho cria, serve e labuta nos diversos misteres da vida. O capital descança, recalcitra, grita, impõe e afinal nada faz: logo acalme os nervos e viva com a distribuição que reclama a *liberdade de trabalho...*

A. P.

Bazes de acôrdo do grupo editor do "Cosmopolita"

Dos seus fins

Sob a denominação de *Grupo Editor* de "*O Cosmopolita* fica constituido um nucleo de empregados em hoteis, restaurantes, cafés e similares, cujo objetivo principal será propagar a cultura sindicalista, combatendo todos os sofismas politicos, relijiosos e sociais e cooperar para o aperfeiçoamento moral, material e intelectual da classe.

Para esse fim o Grupo empregará os seguintes meios:

I — Publicar, sob o titulo "O Cosmapolita", um jornal, cujas colunas serão francas a toda e qualquer espansão de pensamento dos companheiros, desde que se ajuste á logica e á razão, e estejam em harmonia com a orientação do Grupo.

II — Promover conferencias sociolojicas, de propaganda associativa e meios de luta cóntra a esploração capitalista, preparando desta fórma um ambiente propicio ás reivindicações corporativas.

III — Realizar o maior numero de assembléas de classe, nas quais se discutirão todas as questões de imediato interesse de classe, devendo tais reuniões se realizar de preferencia nas associações da colectividade.

IV — Organizar uma biblioteca no local da redação do jornal, adquirindo livros, folhetos, revistas e demais publicaçõesc, nacionaes e estranjeiras, facilitando a sua ampla consulta a todos os companheiros indistintamente.

V — Estreitar os laços de solidariedade com todas as classes trabalhadoras do paiz e do exterior, franqueando ás primeiras colunas do periodico para a publicação dos seus atos associativos, é mantendo com todas assidua correspondencia.

VI — Corresponder-se com todos os sindicatos conjeneres ezistentes dentro e fóra do paiz, afim de se pôr ao corrente das melhorias conquistadas e bem assim dos meios empregados e das lutas em que se houverem empenhado.

Administração

VII — Os recursos de que o Grupo lançará mão para a edição regular do jornal serão obtidos do produto das quotas de entrada dos seus aderentes, das assinaturas e dos anuncios. Além disso fará correr, quando se torne necessario, listas de subscrição voluntaria entre a classe.

VIII — Os trabalhos administrativos do Grupo, bem como os da compilação do jornal, serão afétos á uma comissão ezecutiva com a colaboração de todos os aderentes ao Grupo.

Essa comissão se comporá de cinco membros, os quais serão assim classificados: redator, secretario geral, secretario auxiliar, contador e bibliotecario.

IX — A comissão ezecutiva, cujas funcções serão méramente ezecutivas e nunca de mando, ezercerá as suas atribuições pelo espaço de tres mezes, e se reunirá tantas vezes quantas forem necessarias aos interesses do Grupo.

X — O Grupo reunir-se-á semanalmente e nos dias da saida do jornal.

XII — Após a publicação de cada numero do jornal, o secretario, de acordo com os demais companheiros de comissão, redijirá um balancete contendo minuciosamente o movimento da receita e despeza.

Esse balancete será afixado em logar vizivel no local do Grupo e publicado no numero seguinte.

XII — Cada aderente ao Grupo contribuirá com a quota de 5$000 no ato de admissão e se comprometerá a entrar no rateio sempre que se verificar deficit.

XIII — As assinaturas serão as seguintes: Ano: 5$000—Semestre: 3$000.

As prezentes bazes foram aprovadas na reunião realizada na séde do Centro Cosmopolita, em 9 de Agosto de 1916.

FRONTEIRAS

As nações estão destinadas a fundirem-se para formar uma só que destrua as fronteiras, como dizia Chevreuil, e nós, os rebeldes da organização erronea da sociedade atual, esperamos que essa realidade futura, essa auréola que esplende aos nossos olhos como uma cauza pela qual todos os homens, sem distinção de raça, concientes dos seus atos, devem ardentemente trabalhar, enfrentando aberta e destemidamente, sem temores nem bajulações, os tartufos que compõem a famoza nau do Estado.

Do seu seio é que sáem os nossos mais acerrimos perseguidores, que não poupam esforços para difamarem e confundirem a nossa obra emancipadora.

Si fizermos um reparo atravéz das paginas da historia reconheceremos que os homens que mais se destacaram e cujos nomes maiores retumbancias alcançaram nessas sociedades educadas pelos principios impostos pelo Estado, foram todos eles, sem eceção, os mais implacaveis inimigos das liberdades humanas.

Napoleão Bonaparte, numa das suas famozas arengas aos seus ezercitos em campanha no Ejito, declamou a seguinte fraze que ficou célebre e que tem vindo atravessando o espaço, atravez do seculo já trancorrido: "Soldados! do alto destas piramides quarenta seculos vos contemplam!" Que importará ás jerações vindouras que as contemplem quarenta seculos de estorsões e descalabros, de injustiças e opressões que se deve condenar em todas as suas faces, para bem da ezistencia futura, esclarecida e impulsionada pelo fervor luminozo da justiça e da razão, da moral, do amor e da fraternidade.

Em nada devem esmorecer os que no começo deste seculo acreditavam no dominio dos povos pela razão, e, quando menos o esperavam, os apanhou de surpreza a subita transformação do modo de pensar dos povos, ajitados por vis paixões, arrastados para a maior das catástrofes de todos os tempos, arrebatando-nos os mais jeniais criadores e os mais ardentes e sinceros apostolos dos ideais de emancipação humana. Mas o sangue dos martires nos dará mais força e vigor; ele se espalhará por entre as massas como rubins ardentes a alumiar-lhes para o levante geral, num protesto contra a tremenda catástrofe em que o mundo se debate, ignorante das cauzas porque se destróe.

Maldito pedaço de terra que por querer-te possuir faz-se correr o sangue em torrentes; malditos interesses comerciais e industriais que fazes os homens matarem-se uns aos outros, não já aos milhares mas aos milhões!

Basta, tigres ferozes! cortai as garras e não mais as craveis nos corações humanos, e, quando esse dia chegar não mais cercareis com fronteiras os habitantes da terra, ecitando contra eles o odio de raças, como Nero ecitava as feras no Colizeu de Roma para devorar os cristãos, mais tarde triumfantes.

Quando as populações se compenetrarem da verdade e compreenderem os seus verdadeiros interesses, a patria será este planeta no qual todo o ser vivente tem parte, a raça humana será uma só, pois que todos somos iguais pela lei natural, nosso soálho é a terra que nos cria e come, nosso této é a abobada celeste que nos dá a luz do sol.

G. Costal.

Pajinas escolhidas

O ABISMO

De Diy Arsuaga

Prodijioso palacio rodeado de hortas e jardins! Que frutas tão formozas pendem das arvores! Que delicadas flôres vestem o campo e embalsamam o ambiente!

Conta-me, poderozo, a historia de tantas maravilhas.

* * *

Quando já haviamos repartido o mundo, não ficara por povoar, por inacessevivel, sinão um abismo muito fundo.

A pedra arremessada nele demorava para chegar ao fundo anos inteiros.

A cabra "retozona" que ali caía deixava triturados pele e ossos nas saliencias das rocas que formavam as paredes da furna.

Ninguem assomava ao abismo que não se sentisse arrastado pela vorajem.

* * *

Como que chovido do céu um homem mais chegou á terra.

— Quero dizer,— dizia o insensato.

E entrou na cidade tratando de acommodar-se na primeira caza que encontrou.

Expulsaram-lhe dela porque a caza tinha dono e ele nada podia nem queria pagar pela hospedajem.

— Quero viver,— repetia o louco.

E intentou, uma por uma, entrar em todas as vivendas, e de todas o despediram.

— Quero viver.— E tratou de levantar uma choça com pedra que trousse da montanha sobre seus hombros, e madeiras que arrancou das arvores do bosque. Mas como tinha o monte dono e o bosque era do rei, e a terra em que pretendia levantar sua choça era do concelho, tomaram-lhe pedras e madeiras e o expulsaram da cidade.

— Quero viver,— repetia o desditozo. E percorrendo estradas e campos, sem achar pouzo em parte alguma, porque tudo estava dado, atravessou o mundo.

* * *

Compadecida uma mulher de sua estranha loucura, o deteve á sombra de uma arvore e o fez conhecer o amor.

Foi o primeiro consolo que recebeu aquele homem em sua vida.

— Si me amas,— lhe disse um dia a mulher — obedece-me.

O homem a amava ternamente, porque havia tido dela muitos filhos, e lhe prometeu obedecer-lhe.

— Olha, lhe disse a mulher — uns nacem ricos e outros pobres. Os pobres devem servir aos ricos. Si queres que sejamos felizes, vamos oferecer nossos braços e nossas forças ao senhor daquele palacio que vês ao lonje. Dar-nos-á de comer todos os dias e nos deixará viver debaixo do seu této.

Cheio de admiração, respondeu o louco:

— Meus são teus braços e minhas as forças. Não me as deu o senhor desse palacio. Braços e forças bastam-me para proporcionar-me o que ele se proporciona. Olha esse passaro que vôa, olha aquela corça que corre: querem viver e vivem! Porque não havemos de conseguir o mesmo?

Não lográmos ainda pôr o pé sobre terra que não seja de alguem. Quem poude condenar-nos antes de nacer a não pararmos nunca? Onde está o pedaço de terra que ha de sustentar-nos?

Porque somos menos que a corça que que corre e o passaro que vôa?

Os que me dizem que tudo é deles são inimigos meus a quem não fiz maior agravo que vir ao mundo. Ah! Tu me enganaste, déste-me teu amor para escravizar-me, tu és com eles minha inimiga.

E num acesso de furia matou o louco a pobre mulher.

* * *

Mas, reposto logo, omeçou a chorar sobre o cadáver de sua amiga.

— Pobre amada minha!— disse regando-a com amargas lagrimas.

Tu não procuravas enganar-me.

Não fazias sinão transmitir o engano de que a maldade dos homens fez-te vitima. Quero morrer contigo chorando sobre a tua tumba. Escolherei uma parajem formoza á beira de um caminho e ali cavarei o teu sepulchro. Os homens, seguramente mais piedozos com os mortos do que com os vivos, se encarregarão, quando eu morrer, de sepultar-me ao teu lado.

* * *

Carregou sobre os seus hombros o cadáver, e á marjem de um caminho, debaixo da sombra de um álamo, poz-se a cavar a fossa.

Veiu-lhe ao encontro um trabalhador e lhe disse que aquela terra tinha um dono e não era permitido enterrar ali ninguem.

Foi mais além, mais além e mais além, e em todas as partes onde começou a cavar a fossa, em todas lhe disseram o mesmo.

— Que fazeis — perguntou então o infeliz — com os que morrem?

— Não sabes — lhe responderam — que ha um logar santo, onde, debaixo de cruzes, flôres e simbolos descançam os mortos?

Encaminharam-lhe, e ele foi com o cadáver ao cemiterio.

Recebeu-o um sacerdote que lhe perguntou mil coizas que não entenderu o louco e só como tal o deixou passar com a sua carga.

No logar que lhe pareceu mais formozo se pôz o desditozo a cavar a sepultura.

Mas de novo o detiveram em sua tarefa. Um coveiro ensinou-lhe uma fossa muito grande onde alguns homens esvaziavam um carro cheio de desquartejados restos humanos.

Despéja aí a tua carga — disseram-lhe — esse é o sepulcro dos pobres.

Cheio de terror, escapou daquele logar, sempre levando consigo o cadáver de sua amada.

E correu, correu dezesperado até chegar á beira do abismo.

— De quem é esse abismo- — perguntou a um aldeão que passava.

— Como para nada serve, de ninguem é — respondeu o aldeão.

—Eis ai o unico que póde ser meu,— gritou satisfeito o louco.— Corramos, pobre amada minha, ao logar que os que chegaram antes nos rezervaram.

E de um salto se lançou com a sua carga no abismo.

O éco repetiu o ruido que fizeram ao romper-se rodando ao fundo os dois corpos e, chegada a noite, só a lua poude atinjil-os com os seus raios de prata.

* * *

Milhares de jerações, filhas do desgraçado cazal, foram logo imitando a sua conduta e enchendo com os seus corpos o abismo.

De suicidios e rezesperados transbordou ao fim, e o tempo e as chuvas desfizeram os ossos e converteram em limo as carnes. O lodo voltou ao lodo.

Desaparecido aquele abysmo, como antes desapareceram outros, e outros desaparecerão depois, ficou um logar a mais por habitar. Sobre ele consturi o meu palacio. Daquele sangue e daquela carne estão formados estes frutos formozos que pendem das arvores, essas delicadas flôres que vestem o campo e embalsamam o ambiente.

— Onde vão, poderozo, os que, como aquele homem, não acham solo onde pôr os pés, nem palmo de terra em que dormir o sono eterno?

— Vão encher outros e outros abismos tão fundos como aquele.

* * *

Prodijiozo palacio, rodeado de hortas e jardins! Que frutos tão formozos pendem das arvores! Que delicadas flôres vestem o campo e ambalsamam o ambiente!

Não contes a ninguem, poderozo, a negra historia de tantas maravilhas.

Abaixo a farsa

Chegára ao nosso conhecimento que no passado dia 20 do corrente se realizaria uma assembléa jeral na suposta "União dos Empregados em Hoteis", na qual tratar-se-ia de rezorver problemas de trancendental importancia para a classe.

Como nos cumpria logo que tivemos conhecimento da anunciada reunião, imediatamente nos dirijimos ao local, onde os farsantes e lacaios realizariam a projectada função, no natural dezejo de adquirir novos e valiozos conhecimentos dos principios associativos.

Conheciamos perfeitamente os intuitos do nucleo de pigmeus que haviam aventado a idéa do surjimento daquela vergonhoza associação, que a semelhança de uma expêssa e negra nuvem, paira sombria sobre os claros horizontes do despertar de uma classe. Mas jamais acreditámos que no seu seio não se encontrasse um só trabalhador com um pouco de brio e dignidade, capaz de erguer um grito de alarme em defeza dos principios sacrosantos da emancipação proletaria.

Extranhos áquele ambiente afixiante e pestifero, tinhamos receio de entrar as portas sombrias do antro de deturpação associativa.

Estacionados ás portas do palacio historico, onde se achavam reunidos os novos lejisladores romanos, juntamente com os seus escravos e lacaios, dispostos a dar á luz os principios sagrados de um novo direito, no sentido de confraternizar a dôr, a mizeria e o mal estar, do lado proletario, com o gozo o bem estar e a orjia do lado capitalista, não tardou muito que se aprossimasse de nós um daqueles infelizes, faltos de carater e dignidade, que havia cooperado no nacimento do fenomeno juridico, o qual num ademane de jentileza hipacrita, nos franqueu a entrada.

Não sabemos traduzir a triste impressão que nos cauzou tão repugnante e indecorozo espectaculo.

Em volta de uma meza mortuaria, ao fundo da sala lugubre, um certo numero de burguezes, relijiozamente entoavam o "de profundis" ás reivindicações proletarias. Da cadeira prezidencial erguia-se um tipo lombroziano.

Ao lado, á sua direita, ouvia-se o éco de una voz frenetica; era o "anjo da caridade"; um tal Albino, o personajem de maior destaque naquele mixto de drama e comedia.

E a assembléa?

Ali estavam os carneiros reunidos perante a autoridade onipotente dos seus pastores.

Aqueles homens de olhar humilde e cabisbaixo nada discutiam e tudo aprovavam.

Uma farsa!

Já nos haviamos apercebido da ezistencia daquela caviloza trama armada aos superiores interesses da classe, sem que, entretanto, nos dispuzessemos a dar-lhe combate por não lhe emprestarmos maior importancia.

Entretanto depois de havermos visto de vizu o elemento que ali se reune não podemos deixar de reconhecer a incidioza teia de sofismas que se entretece em torno ás aspirações progressivas da nossa classe.

São tres os tipos carateristicos em que dividimos os componentes daquela associação:

O primeiro tipo é o semi-burguez proprietario de casas de "petisqueiras" que mal sabe vender o bacalháu assado e o "caldo verde"; o segundo é o lacaio e bajulador que procura agradar o primeiro, afim de tirar partido material que lhe assegure a estabilidade no emprego e finalmente o terceiro é o eterno carneiro, que esplorado e aviltado é sempre conduzido pelos farsantes que traficam com a sua mizeria.

Hoje que conhecemos de perto os passos destes charlatães, bem como o seu estofo moral, que valendo-se do nome de empregados em hoteis, pretendem atirar sobre a nossa historia associativa uma mancha, que salpicará de ignominia e de oprobio toda uma classe altiva, revoltada julgamos da maxima importancia uma campanha tenaz contra essa farsa repugnante.

Por hoje basta. No proximo numero voltaremos ao assumpto.

ODNUMYAR.

Officinas Graphicas do *Jornal do Brasil*